

INTERFACES LÓGICO- RELACIONAIS NO CONTO *LÚCIA Mc CARTNEY*, DE RUBEM FONSECA.

Professora Ms. Nelma Arônia Santos¹ (UNEB).

RESUMO: *Este trabalho tem como objetivo propor uma leitura dialógica entre o conto Lúcia McCartney e as Artes Visuais no intuito de apresentar uma lógica da interatividade que parece conferir à obra características próprias das instalações contemporâneas.*

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Conto, Artes Visuais, Estética Relacional

1. O tempo/espço como criação.

O conto *Lúcia McCartney*, publicado em 1976 no livro de título homônimo, está dividido em oito partes, numeradas em algarismos romanos, nas quais se alternam diálogos, monólogos, cartas e telefonemas arquitetados numa sintaxe que agrega diferentes linguagens artísticas quais sejam: cinema, teatro, televisão, remetendo o leitor a uma rede hipertextual que organiza uma lógica da interatividade.

Essa multiplicidade de códigos e a diagramação espacial da linguagem exigem do receptor/leitor uma intervenção similar ao que se observa nas vídeoinstalações ou instalações hipertextuais contemporâneas, cujos percursos de leituras podem ser trilhados a partir de múltiplas possibilidades de escolha, haja vista que, conforme SILVA (2004) :

A obra não se completa em si sem a presença do outro. O espectador é personagem sem o qual a própria obra não existe, ela se completa através dele e do espaço que o mesmo ocupa, assim como a própria ocupação do espaço é fundamental para a interpretação e vivência da obra. O tempo e o espaço se tornam então quesitos indispensáveis à obra, como se fossem vital à sua própria existência, assim como àquele que a vivencia (p. 126).

Conforme observamos no fragmento abaixo, o binômio pronominal Eu / Tu e a dinâmica espacial gráfica instauram um jogo permutacional que deverá ser atualizado pelo leitor, peça responsável pela construção/desconstrução do texto. Essa manipulação do texto confere ao leitor um papel ativo, instigando-o ou quase o obrigando a vivenciar a experimentação. Vejamos:

¹ Nelma Arônia Santos. Mestre em Literatura e Crítica Literária Pela Pontifícia Universidade de São Paulo. Atualmente coordeno o Colegiado do curso de Letras e ministro a disciplina Estudo da Ficção Brasileira Contemporânea no Departamento de Ciências Humanas – Campus IX da Universidade do Estado da Bahia. E-mail nasantos@uneb.br.

DÍALOGO (*VERDADEIRO*)

COROA PAULISTA

Você

{
é carioca?
gosta de quê?
gosta de quê poetas?
gosta de Kafka?
é a primeira miss que diz que leu
Kafka e leu mesmo.
leu Pessoa etc.?

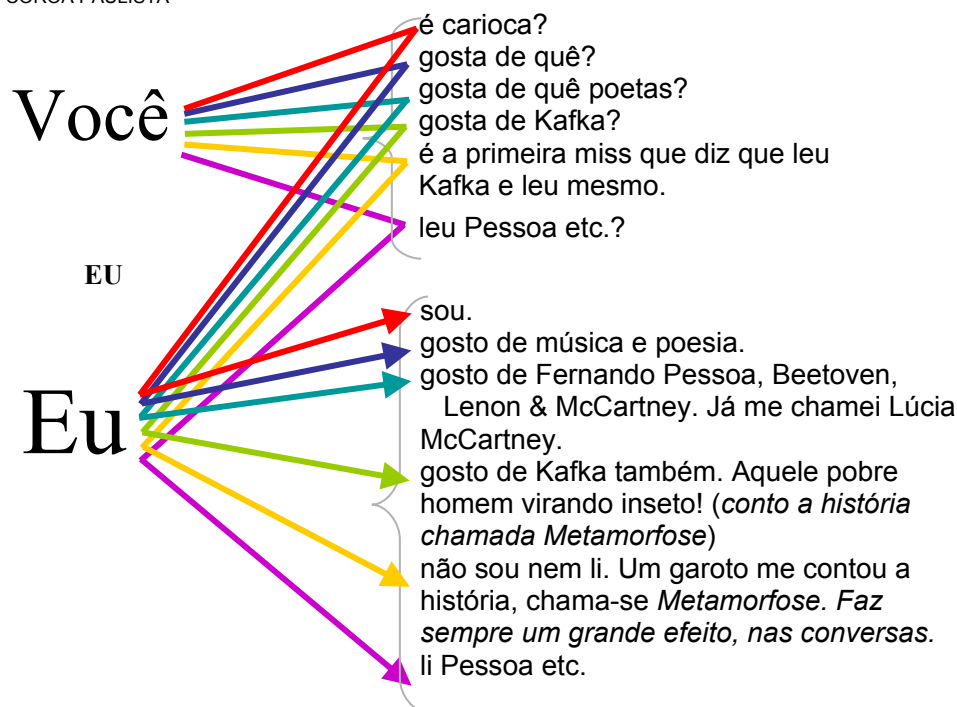
EU

Eu

{
sou.
gosto de música e poesia.
gosto de Fernando Pessoa, Bee-
toven, Lenon & McCartney.
já me chamei Lúcia McCar-
Ney.
gosto de Kafka também. Aquele
pobre homem virando inseto!
(*conto a história chamada*
Metamorfose)
não sou nem li. Um garoto me
contou a história, chama-se
Metamorfose. *Faz sempre um*
grande efeito, nas conversas.
li Pessoa etc.

Essa intervenção do “espectador” está relacionada às mudanças de paradigmas ocorridas nas categorias de tempo e espaço, pois, “devido às tecnologias numéricas interativas, o artista e o público serão daqui para frente obrigados a ver as horas no mesmo relógio, o do tempo real” (COUCHOT, 2002, p.105). Em Lúcia McCartney, esta presentidade é marcada pela predominância dos tempos verbais no presente do indicativo: “Você **é**”, “Você **gosta**”, “Eu **sou**”, “Eu **gosto**”. Cada leitura é uma atualização de um tempo presente; não há passado nem futuro; a leitura concretiza uma vivência e transforma a fruição no objeto último do ato de criação, sem a qual, a obra não existiria em sua plenitude. No trecho que segue, traçamos, à guisa de exemplo, dois percursos, possíveis, do movimento do nosso olhar ou do clicar sobre o texto no ato da leitura. Ao invés de uma leitura horizontal-linear, temos um entrecruzamento de diálogos; uma trama de linhas diagonais ou horizontais tecidas no ato da leitura ou na intervenção da escritura. Vejamos:

(...)
DIÁLOGO (VERDADEIRO)
COROA PAULISTA



Segundo BOURRIAUD, “la obra de arte muestra (o sugiere) su proceso de fabricación y de producción, su posición en el juego de los intercambios posibles, el lugar – o la función - que le otorga al ‘que mira’, y por fin el comportamiento creador del artista” (2006, p. 49)². Desse modo, o tempo-espaco torna-se elemento essencial para a interpretação da obra, haja vista que “A ação do signo é gerar um interpretante e essa ação desenvolve-se no tempo” (SANTAELLA, apud LAURENTIZ, 2002, p. 144). Acrescentamos, ainda, que as formas abertas do tempo-espaco do conto conferem ao leitor a liberdade para montar seu percurso de leitura e sucessivas recriações.

Neste sentido, podemos afirmar, em síntese, que o conto *Lúcia McCartney* opera dentro de duas tendências estéticas surgidas com o advento da era computacional, entre os anos 1960 e 1980: a **simulação**, ou seja, “tendência estética marcada pelo interesse do artista no processo de criação mais do que no produto, e a **interação** – tendência que buscava a participação do espectador na obra de arte.” (Cf.: Suzete Venturelli, 2004, p. 74).

Os processos destacados acima representam no conto, respectivamente, a apresentação da obra literária como desvelamento do processo de construção e a inclusão do leitor nesse processo.

² BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. [Trad. De Cecília Beceyro e Sergio Delgado]. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2006. “a obra de arte muestra (ou sugiere) seu processo de fabricação e de produção, sua posição no jogo dos intercâmbios possíveis, o lugar – ou a função – que lhe otorga ao ‘que vê’, e por fim o comportamento criador do artista”.

2. A precariedade da forma/linguagem como expansão.

No que concerne à constante metamorfose da personagem do conto, que assume ou se apropria de diferentes denominações para sua vida multifacetada (à escolha do leitor / freguês), é possível visualizar outras homologias entre o texto literário e a instalação, pois, conforme BOSCO e SILVA (2004) “a instalação é a construção constante de uma nova verdade, que se modifica a cada nova relação experimentada pelo observador”. (p. 124).

Assim, entramos no âmbito da “estética relacional pautada na pós-produção voltada para a reprogramação de obras existentes”³. Destarte, a partir de uma estrutura dada, o co-produtor poderá criar múltiplas formas de leitura do conto, do mesmo modo que o autor reaproveitou formas literárias já existentes; como por exemplo: “gosto de Kafka também. Aquele pobre homem virando inseto! (*conto a história chamada Metamorfose*).

Esses resíduos intertextuais vêm corroborar o caráter de texto-instalação, haja vista que “a estética relacional recusa a idéia de não mudar a natureza das coisas. Ao mesmo tempo, há a idéia de que podemos usar o mundo, (reaproveitar) as formas que estão disponíveis no mundo”. (BOURRIAUD, apud FIALHO Op cit, 2006, p. 7). Desse modo, a arte relacional torna-se um espaço de encontro; no caso do conto *Lúcia McCartney*, encontro de formas (música, instalação, cartas, teatro, cinema etc) e encontro de *corpus* literários (Kafka e Fernando Pessoa). Em decorrência da instabilidade ou precariedade da forma literária que vai se apropriando ou reaproveitando as formas existentes, o texto literário se expande.

Insistimos, ainda, na interface lógico-relacional que organiza o conto, uma vez que: “para que uma estratégia relacional em sua forma complexa seja efetiva, seu trabalho deve assumir o “outro”, o receptor público” (KINCELER, s/d p. 03)⁴

Neste conto, ou texto-instalação, o leitor é incitado a manipular a forma do *corpus* de modo a coadunar com o conteúdo da narrativa, haja vista que a personagem *Lúcia McCartney* é uma prostituta. Destarte, do mesmo modo que o corpo da personagem é disponibilizado para a escolha dos clientes, o *corpus* textual é disponibilizado para manipulação do leitor. Assim, ambos os *corpus* são violados; alienados em sua forma. “O eu para mim é dissolvido no eu-para-o-outro” (BAKHTIN, 2000, p. 70). Vejamos:

³ FIALHO, Ana Letícia. Conferencia 5: relato da palestra de Nicolas Bourriaud, Seminário Internacional Trocas, 10 de outubro de 2006. <http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br>.

⁴ KINCELER, José Luiz. Desestabilizando os limites – Arte relacional em sua forma complexa. http://www.ceart.udesc.br/projetos/artes_plasticas/arte_relacional.php

DÍALOGO, POSSÍVEL (mas inventado)

UM COROA

Meu prezado amigo

deseja ficar com a moreninha de
cabelos curtos?
ainda que reconhecendo os seus
inegáveis encantos, minhas
predileções se inclinam para a
jovem loura de olhos verdes.
aceito qualquer composição. Fi-
que com a loura. Eu fico com
a morena.

Conforme podemos perceber, o leitor-receptor assume o papel do cliente na medida em que é obrigado a compor sua escolha. Essa interação se torna possível na mediada em que temos, também, uma precariedade de identidades; seja no plano do conteúdo, a precariedade da identidade da personagem *Lúcia McCartney*, seja no plano formal, a precariedade da linguagem e da identidade do gênero literário. Vejamos:

Minha vida

dá um
romance

dá samba (de festival).
é de amargar.

é um punhal de
dois gumes fatais:

lindo.
triste.
edificante.
pornográfico.
novo.
hermético

Amar é sofrer.

não amar é
sofrer mais.

Conforme pudemos observar, no plano formal, o autor rompe a fronteira convencional do gênero literário e experimenta formas estranhas aos procedimentos narrativos tradicionais. No plano do conteúdo, a personagem joga com várias alternativas do que poderia ser a sua vida. Como resultado desses dois planos, temos um discurso pulverizado na rede dos jogos de linguagens diagramática, rompendo a linearidade em favor dos links na forma otimizada das novas tecnologias. Há uma dialética em torno da produção e difusão do discurso que reverbera na constituição de uma identidade também múltipla e difusa, ou seja, há uma instabilidade de identidades. Segundo Silva, “A instabilidade por si só faz parte da própria essência da instalação” (2002, p. 126).

Nesse processo de transmutação de gêneros e identidades, o texto literário, se expande para novas possibilidades de linguagens e, por conseguinte, novas possibilidades de leituras, inclusive, a leitura que aqui defendemos: o texto-instalação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. [Trad. De Cecília Beceyro e Sergio Delgado]. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2006.

FIALHO, Ana Letícia. **Conferencia 5**: relato da palestra de Nicolas Bourriaud, Seminário Internacional Trocas, 10 de outubro de 2006. <http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br>.

KINCELER, José Luiz. **Desestabilizando os limites** – Arte relacional em sua forma complexa. http://www.ceart.udesc.br/projetos/artes_plasticas/arte_relacional.php

LAURENTIZ, Silvia. **O tempo nas imagens animadas**. In: LEÃO, Lúcia (Org.). **Interlab**: Labirintos do Pensamento Contemporâneo. São Paulo: Iluminuras / FAPESP. 2002. p. 144.

VENTURELLI, Suzete. **Arte**: espaço_tempo_imagem. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

SILVA, Luciana Bosco e. A Instalação no Museu de Arte Contemporânea da USP. In: **Estética USP 70 Anos** / Elza Ajzenberg, coord. São Paulo: Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética e História da Arte, 2004.